

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PRÁTICA PEDAGÓGICA ENTRE A DIALOGIA E A EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Iara Severo da Silveira¹

Resumo

Nesta pesquisa teve-se como objetivo compreender os sentidos e significados do modelo de prática adotado na construção do conhecimento, numa classe de educação de jovens e adultos, em uma escola municipal da cidade de Santa Maria-RS. O foco principal do artigo é a pedagogia de Paulo Freire, que tem o diálogo como fio condutor das relações de aprendizagem e interações sociais. Nessa visão, a educação ocorre através do ensino significativo que acredita na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história, para transformar a sua realidade social. A educação é uma possibilidade de libertação do educando e, não está deslocada de um projeto de vida, de sociedade e de visão de mundo.

Palavras-chave: Educação e agir humano, alfabetização de adultos libertação e diálogo.

A essência da pedagogia freireana é o compromisso com a defesa da vida, da justiça social, da libertação de todas as maneiras de opressão e da condenação de todas as formas de exclusão. Uma das finalidades da educação é humanizar a história. E, portanto, negar a educação é obstruir o desenvolvimento do processo de humanização.

A partir de seu retorno do exílio, a pedagogia freireana tem sido resgatada no Brasil em propostas de educação escolarizada e, em especial, em educação de adultos. Em tais propostas, o método dialógico e a dimensão política do ato educativo têm sido o foco central. Mas o que representam essas duas categorias numa proposta de alfabetização de adultos? Essa indagação foi o objeto central da pesquisa que teve como campo empírico uma classe de EJA. Na articulação entre observação empírica e reflexões teóricas, o estudo procurou desvelar a complexidade do diálogo como método de alfabetização que coloca em interação recíproca a cultura e os saberes do educando e educador, pois o ato de ler é mais do que fixar ou memorizar símbolos e regras é mais do que decodificar palavras. É necessário o conhecimento

¹ Vinculada ao Grupo de Pesquisa **Dimensões do Agir Humano**, linha de pesquisa: **Educação e agir humano**.

profundo do que realmente significa ler, ou seja, na compreensão do que se lê numa inserção radical de palavra e mundo. Para ele, a alfabetização é um processo de vida, de cidadania e necessária para a conscientização.

A pedagogia de Paulo Freire foi fundamentada e influenciada por idéias progressistas, pelo cristianismo e por fortes traços nacionalistas, dentro de uma visão de mundo mais igualitário, mais justo e humano, defendendo a igualdade de oportunidades, em que o sujeito é o ator de sua própria história.

A metodologia de Freire baseia-se no diálogo, e este é primordial nas relações de todas as coisas no mundo. O homem interage com o meio social mediado pelo diálogo. A educação é a dialogicidade entre educador e educando, sendo um ato comunitário, permanente e libertador. A pedagogia freireana acredita na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história, educar para transformar a realidade. Dentro dessa perspectiva, a alfabetização é, ao mesmo tempo, uma manifestação política, portanto não é neutra de conhecimento, pois culmina no ato criador. O ato de ler é mais do que fixar ou memorizar conceitos e regras, é mais do que decodificar palavras, sendo necessário o conhecimento profundo do que realmente significa ler, ou seja, na compreensão do que se lê. Nesse processo, o diálogo é um componente indispensável. Segundo Freire (1996), a educação é um ato comunitário, de troca de experiências, de vivências, valorizando as relações interpessoais na comunidade escolar e estas devem ser mantidas de forma profunda e interessante, em que o ser humano seja a base para novas perspectivas educacionais.

O método de Freire não é uma simples técnica de alfabetização, mas uma metodologia coerente com o seu posicionamento teórico-filosófico. No seu método aprende-se mais do que ler e escrever, aprende-se a observar e respeitar o outro nas suas diversidades, aprende-se a perceber o outro, a conhecer esse outro. Para Freire (1996), a aprendizagem significativa é quando a educação começa a ser construída, a partir das *leituras de mundo* do educando, e o educador faz a mediação do conhecimento e, ao mesmo tempo, ambos constroem-se mutuamente, pois para ele, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Assim, acontece a alfabetização

significativa. O educador aprende ao ensinar, concretiza-se essa aprendizagem na medida em que o educador, humilde, aberto, encontra-se em permanente *repensar o pensado*, revê seus conhecimentos, suas idéias, seus posicionamentos, estando disponível e, ao mesmo tempo, envolvido com a *caminhada* do educando. Segundo Freire (1996), para que o diálogo seja inaugurado na educação, deve-se começar por um método ativo. E o diálogo deverá ser *crítico e criticista* para promover a adequação do conteúdo programático da educação. Para se chegar a essa realidade, é necessária uma metodologia ativa, *dialogal* e atuante. Nesse processo, o diálogo é um componente indispensável para definir a comunicação e a interlocução que gera a problematização e a crítica. Paulo Freire (1996) define o diálogo como uma relação horizontal entre dois sujeitos (Eu-Tu) que nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. No processo dialógico, dialoga-se com alguém e sobre algo. Portanto, o conteúdo do diálogo é justamente o conteúdo programático da educação, na perspectiva freireana. Na busca desse conteúdo, o diálogo deve estar presente, de modo consensual, Boufleuer (1991) afirma que a

[...] dialética da ação e reflexão, nesse pronunciar o mundo que os homens se fazem. Para que todos possam ser sujeitos do seu existir, não se pode admitir que essa palavra seja privilégio de poucos, ou se torne prescrição de uns para outros. Prescrevê-la para os outros é roubar-lhes o direito da palavra, o direito de existir autenticamente.

A palavra é o meio de viabilizar o diálogo, portanto há necessidade de estar em constante análise da palavra para que, assim, o diálogo se concretize.

Para Freire (2005) são duas dimensões que constituem a palavra: ação e reflexão. A *verdadeira* palavra é a práxis transformadora. Na falta dessa dimensão da ação, perde-se a reflexão e a palavra torna-se um verbalismo sem valor. Por outro lado, a ação sem a reflexão transforma-se em ativismo, que é uma forma também de negação do diálogo. Ele explica:

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidária, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentida, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja *práxis*. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (p. 89).

E a palavra *não autêntica* não vai transformar a realidade, uma vez que se estabelece uma dicotomia entre a *ação* e *reflexão*. A palavra perde a dimensão transformadora, cai na banalização. Freire (2005) considera que o diálogo só se inaugura com algumas condições *a priori*, tais como: o amor, humildade, fé nos homens e um pensar crítico:

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. (p. 92)

Para que o diálogo seja instaurado, primeiramente, é preciso ter fé no ser humano, na sua capacidade de entender, de criar e recriar, acreditar na sua vocação de Ser Mais que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito de todos os homens. O diálogo libertador, o não alienante, percebe a realidade como em permanente “perfazimento”, portanto o homem é histórico e, na história, não admite separar o homem de seu *mundo*. Para Freire (2004, p. 95), “o diálogo é o encontro dos homens para dizerem a sua palavra. Encontro mediatizado pelo mundo e que tem por objetivo a sua pronúncia”. É através da palavra e do diálogo que o educando *desoculta*, percebe uma compreensão mais exata de si e de seu meio social e, assim, faz as suas relações com os outros eventos sociais, políticos e culturais. Esses são os elementos primeiros na pedagogia de educadores, comprometidos com a educação libertadora. Para Paulo Freire (2005):

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo de interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização. Esta é a razão pela qual, como já afirmamos, esta pedagogia não pode ser elaborada nem praticada pelos opressores. (p. 45)

A educação na perspectiva freireana deverá ser pensada e refletida pela comunidade interessada em recebê-la. E, para ser autêntica, deverá ser executada por um membro da comunidade devidamente preparado e comprometido com ela.

Paulo Freire considera primeiro a heterogeneidade dos educandos e quais os seus interesses, suas identidades, suas preocupações, necessidades, expectativas em

relação à escola, suas habilidades, enfim, suas vivências, o que se torna de suma importância para a construção de uma proposta pedagógica que considere suas especificidades. É fundamental perceber quem é o educando, para que os conteúdos a serem trabalhados façam sentido e tenham significado, sejam elementos concretos na sua formação, instrumentalizando-o para uma intervenção significativa na sua realidade.

Um passo inicial para o conhecimento e inserção na cultura do educando pode ser a elaboração de instrumentos e estratégias que contribuam no levantamento de dados que além das questões referentes à faixa etária, escolarização, consideram-se a inserção no núcleo familiar. É importante ressaltar que essa é uma reflexão de todo o coletivo envolvido na ação educativa e que todos devem participar na elaboração de tais instrumentos e estratégias. Os dados colhidos permitem visualizar várias possibilidades de trabalho e devem se espelhar nos conhecimentos e na observação feita pelo educador no cotidiano de seus alunos, nas expectativas observadas e nas representações do mundo que os educandos trazem, como suas vivências e experiências. Ressalta-se que é essencial garantir o registro de todo o processo, todas essas informações vão constituir o perfil dos educandos, seus conhecimentos prévios, suas expectativas, tornando-se um dos referenciais fundamentais para que o educador possa fazer seu planejamento. É muito importante que o educador esteja atento à utilização dos dados que demonstrem os interesses dos educandos para desenvolver suas atividades de forma mais significativa.

Na visão freireana, a educação é um instrumento para mudar a história dos educandos, principalmente, quando a educação passa a ser vista como um caminho na busca de uma vida mais digna, onde a *pessoa*² começa a ser tratada como um verdadeiro ser humano, o que enseja a construção de uma sociedade mais justa. A pedagogia freireana oferece, assim, uma esperança de educação que poderá viabilizar aos educandos uma possibilidade de exercer a sua cidadania.

² Paulo Freire, quando fala do ser humano, refere-se sempre à “pessoa” e não ao indivíduo. Parece claro que a idéia de “pessoa” traduz a presença do homem no mundo e as suas relações consigo mesmo e com os outros seres; enquanto a idéia de indivíduo refere-se a um exemplar de qualquer espécie.

Freire identifica a alfabetização como um processo de conscientização, capacitando o educando tanto para aquisição dos instrumentos de leitura e escrita, quanto para a sua libertação. Gadotti (2000, p. 106), no *último Freire*, menciona que, nas suas últimas publicações, Freire revelou um estilo mais *literário* e um *pensamento analítico-histórico* em evolução permanente. Freire parece estar preocupado com o tipo de educação que os homens e mulheres necessitam neste novo milênio. Nesse sentido, ele nunca abandonou suas idéias de respeito ao outro, de respeito aos valores, à cultura e aos modos de pensar das pessoas, não aceitando qualquer tipo de imposição de conhecimentos, de manipulação ou de invasão cultural.

A alfabetização não é um ato mecânico de memorização de letras, palavras, conceitos, valores etc., trata-se da importância de ler a palavra sim, mas também ler sua história, o contexto e o mundo deste educando. Não é *colocar* algo dentro das cabeças dos educandos supostamente ainda vazias, em *branco*. A alfabetização começa a partir do contexto dos educandos analfabetos, uma vez que eles já possuem sua cultura, seus valores, sua profissão e têm toda uma experiência de vida. Portanto, o ensino deve partir dessa realidade, da sua cultura e das motivações de sua comunidade. Para Freire, a alfabetização é um processo dinâmico, pois a leitura do mundo e da palavra ocorrem em mútua relação. É a práxis que se efetiva no ato de escrever, reescrever, transformar e compreender, através de prática consciente. O ato de ler estabelece, assim, a percepção crítica, a interpretação e a “re-escrita” do que foi lido. Dessa forma, o alfabetizando poderá formar uma consciência crítica e fazer uma leitura contextualizada. Conforme Freire (2005):

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (p. 77)

E essa *libertação autêntica* se corporifica através da educação. Da inserção da educação formal e informal aliada a todas as experiências deste sujeito ao longo de toda a sua jornada de vida. Por outro lado, de nada adianta esse processo

se a realidade social conspira contra este sujeito, não oportunizando a sua participação. Paulo Freire (2005) salienta que:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca. (p. 41)

O educando, primeiro, deve perceber-se como oprimido. Perceber qual é o seu papel na circunstância da sua realidade social. Conscientizar-se da defasagem dos seus direitos (se há defasagem), quais são os seus deveres para com a sociedade e se essa associação é justa. Quando a educação chegar nesse patamar, o homem então se libertará das amarras das imposições sociais. Para Freire (2005) fala que a libertação é um parto doloroso:

O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. (p. 38)

Na proposta freireana, a conscientização é fundamental para se chegar à libertação e esta deve ser uma das ferramentas da educação. Essa transição deve ter o sentido profundo do renascer para se chegar a esse *homem novo* e assumir uma forma *nova* de estar sendo, percebendo-se como ser inacabado. Não pode mais continuar a atuar como atuava, sem consciência crítica, uma vez que as suas leituras são feitas de outro lugar que não é mais o mesmo. Portanto, sua visão de mundo também será outra.

Na concepção freireana, o conhecimento não está deslocado de um projeto de vida, de sociedade e de uma visão de mundo. Na perspectiva de conhecimento desalienante ou de educação libertadora, salientam-se três momentos: o momento do sonhar, o momento de estudar e o momento de criar.

1. *Momento do SONHO (idealização)*

Freire (2005, p. 55-8) salienta a importância do sonho para *desvelar* as possibilidades de esperanças, possibilidades de superar os obstáculos no engajamento real. Se a palavra e o discurso nos constituem, somados às nossas relações com o mundo e com a nossa história, isso nos determina como pessoas inacabadas em constante perfazimento num contexto histórico. A pedagogia da esperança faz-se indispensável para o enfrentamento das *situações-limite*, que são as dificuldades e barreiras que precisam ser vencidas ao longo da vida. O sonho é necessário para transpor essas *situações-limites*.

Nesse caso, a esperança, sem o engajamento no real, transforma-se em fantasia. É o risco de quem espera – as ambigüidades da esperança – de um lado, o otimismo ingênuo e a resignação e, de outro, gestos concretos que apontem para novas perspectivas. Os jovens e adultos analfabetos são oriundos de uma realidade precária, na qual os principais problemas são a falta de moradia, saúde, alimentação e emprego, entre outros. As péssimas condições de vida estão na raiz do analfabetismo. Moacir Gadotti (2001, p. 32) se pergunta: “o que é o analfabetismo?” E ele mesmo responde: “O analfabetismo é a expressão da pobreza, conseqüência inegável de uma estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo sem conhecer as suas causas”. A dramaticidade das condições de vida e a necessidade de romper com as injustas estruturas opressoras é que impelem os analfabetos a buscarem novos horizontes. No meio de tantos desalentos, dois posicionamentos parecem pertinentes: de um lado, o medo, a insegurança, o conformismo, a resignação com o mundo dos *vencidos*; de outro, nasce o *sonho*, o desejo incontido de emergir das condições confinantes, trata-se de um processo de mudança na experiência existencial. Em primeiro lugar, reconhecer que é possível mudar as condições objetivas e sonhar com um mundo novo, diferente. Nessa interação entre a realidade objetiva e o que subjetivamente é sonhado, começa o processo de transformação. Não se pode ser ingênuo a ponto de afirmar que o mero reconhecimento, a constatação das condições de pobreza e analfabetismo desencadeiam a transformação. A idealização de conhecer o mundo letrado permanece *sonho* até que seja despertado por dois marcos concretos:

caminhar com decisão em direção ao mundo sonhado, fazendo dele um momento de afirmação pessoal e intransferível; e a existência de suporte na comunidade para proteger, resguardar o *sonho*. O grande problema em manter o *sonho* de conhecer o mundo letrado se traduz nas próprias ambigüidades do analfabeto: ele está acostumado à opressão, a uma vida sem esperança. Muitas vezes termina convencendo-se de que as suas limitações lhe são inerentes, “vive-se como Deus quer”. Romper com essas estruturas é muito difícil, exige convicção interior, força de vontade e estruturas educacionais que amparem esse *sonho*. Caso contrário, o *sonho* torna-se a utopia de um mundo impossível. A dialética entre o sonho e a possibilidade para a sua concretude pode significar o espaço entre a vitória e o fracasso. Paulo Freire (2005) bem descreve essa ambigüidade:

Enquanto se encontra nítida sua ambigüidade, os oprimidos dificilmente lutam, nem sequer confiam em si mesmos. Têm uma crença difusa, mágica, na invulnerabilidade do opressor. No seu poder de que sempre dá testemunho. Nos campos, sobretudo, se observa a força mágica do poder do senhor. É preciso que comecem a ver exemplos de vulnerabilidade do opressor para que, em si, vá operando-se convicção oposta à anterior. Enquanto isto não se verificar, continuarão abatidos, medrosos, esmagados. (p. 57)

O *sonho* do analfabeto de conhecer o mundo letrado é a janela para um futuro melhor, menos sofrido. Apesar de todos os problemas, os menos favorecidos e analfabetos amadurecem, paradoxalmente, através da continuidade da esperança em um mundo novo justo e democrático. Para Lepargneur, na esperança de um novo momento, acreditam que

ainda amanhã haverá esperança, se é verdade que o homem não pode apagar completamente a questão do sentido, aquilo que temos sob os olhos não mostrando sentido satisfatório. O mundo atual é um desafio à esperança, mas qualquer esperança real constitui também um desafio para um mundo intoxicado pelo racionalismo... Esperança ainda não é resposta definitiva, mas é encaminhamento de uma possível resposta: isso, porém, não será possível se for cancelada a pergunta sobre o sentido. (p. 59-60)

A leitura da realidade brasileira é cheia de tensões sociais, miséria, analfabetismo e violência, sendo necessária a realização de profundas mudanças nessa estrutura sócioeconômica injusta. Na luta pela transformação das estruturas sociais injustas, vislumbra-se a necessidade primeira que se situa no terreno prático-social dos que detêm o poder de mando na realidade brasileira, que é a de unir o

discurso à práxis. A primeira e a mais urgente libertação é a do eu, isto é, a de criar sujeitos críticos, homens e mulheres capazes de repensarem o mundo, de elaborarem a dialética entre os saberes achados nas ruas e nos campos, e o saber do mundo letrado, sem o qual não há autenticidade, não há verdadeira praxiologia. Não basta o discurso inovador, ele deve se articular com a experiência da vida. O *sonho* começa na interioridade do sujeito e passa pelos estágios de ver, julgar e agir.

2. Momento de ESTUDAR (conhecer o mundo letrado)

Depois de vencer todos os obstáculos do momento do sonho, da idealização de uma nova vida, surge o momento esperado de construir esse *sonho*, de conhecer, de inseri-lo numa cultura letrada. Aqui, muitas vezes, o letramento aparece de uma forma repetitiva, cansativa, desestimulante, em relação à assimilação do código lingüístico, entendendo o letramento como um ato mecânico. Na verdade, como se sabe, o alfabetizar não é só a apreensão de códigos, mas um meio para o uso social da leitura e da escrita, em que o conhecimento prévio dos jovens e adultos, o conhecimento que vem da vida, interage com os novos saberes aprendidos na escola.

A escrita e a leitura passam a ter uma função social intimamente relacionadas com o mundo já aprendido, dilatando as fronteiras do conhecimento, fazendo as devidas conexões, de tal modo que estabeleça modificações das condições iniciais. Nessa visão crítica, o aluno constrói o seu conhecimento a partir de sua história. Como afirma Paulo Freire (2001, p. 20): “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Letrar-se significa construir ferramentas para uma transformação social, cultural, cognitiva e econômica, ou seja, oportunizar o pleno exercício da cidadania. Falando sobre a educação como prática libertadora, diz Freire (2001):

O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexiva. [...] Se é dizendo a palavra com que, ‘pronunciado’ o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como

caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. (p. 92 – 93)

Quando se fala em mundo letrado, convém salientar que, no Brasil, 15 milhões de brasileiros são analfabetos (13,3% da população). O número de analfabetos funcionais eleva o índice para 29,4% da população brasileira.³ A análise da situação concreta de violência e opressão torna-se evidente quando se analisam esses dados.

A necessidade do conhecimento do mundo letrado não significa que o homem iletrado é inculto, pois, segundo Freire (2005, p. 20): “Não há homem absolutamente inculto”. Dessa forma, o conceito de inculto não é de fácil solução, uma vez que a construção do conhecimento é um processo seletivo que começa com as primeiras percepções da realidade, desenvolve-se na família, no meio social e na escola. Para Magda Soares (1998):

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva, [...] se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (p. 24)

A escola pública deveria oportunizar o acesso ao conhecimento letrado a todos os cidadãos, promovendo a construção do saber interdisciplinar e multidisciplinar, expandindo e revisando os paradigmas, teorias, explicações e metodologias, transformando o saber popular em saber crítico, por meio da ação-reflexão-ação. Num país em que 15 milhões de brasileiros são analfabetos, encontram-se marginalizados, violentados em seus direitos de cidadão. Torna-se compreensível a indignação e a veemência de Paulo Freire (1992), quando escreveu a *Pedagogia da Esperança*:

Esse livro foi escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância que não se confunde com a convivência, da racionalidade; uma crítica ao sectarismo, uma

³ Dados extraídos da Folha de São Paulo, edição de 27.3.2001.

compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal. (p. 12)

3. *Momento de CRIAR (interpretar o mundo a partir do novo referencial)*

As dificuldades de interpretar o mundo a partir do novo referencial, a dialogicidade entre os saberes do senso comum e os do mundo letrado não se realizam de modo espontâneo, torna-se imprescindível uma reflexão mais profunda para estabelecerem-se as devidas conexões, inclusive, com a superação da idéia de que a teoria é superior à prática.

Depois do esforço em estabelecer as ligações sistêmicas, quase que intuitivamente, emerge o momento *mágico de criar*. Nessa fase, superadas as dificuldades iniciais, interpretar o mundo torna-se uma estrada sem fim, uma experiência gratificante que cresce em entusiasmo na medida em que se descobrem novos desdobramentos do ato de criação.

Segundo Paulo Freire, o ser humano começa pela leitura de si e do mundo, para depois proceder à leitura das palavras. Desse modo, a compreensão dos textos, das palavras e das letras só tem sentido se houver uma contextualização com a sua experiência vivencial. Qualquer experiência de alfabetização desconectada com o mundo onde o alfabetizando estiver inserido não tem sentido para ele, cai no vazio. O momento de *criar* e de interpretar o mundo a partir do novo referencial são codificações ou ferramentas que representam a realidade, são leituras da leitura que o alfabetizando já fazia do mundo antes de aprender as palavras. Assim, a alfabetização é a criação ou a montagem na expressão escrita, da expressão oral. As palavras do povo vêm através da leitura do mundo, depois voltam inseridas no que se chamou de codificações escritas, que são representações da realidade. Esse conjunto de representações de situações concretas possibilita aos grupos populares uma *leitura da leitura* anterior do mundo, antes da leitura da palavra. Freire (2001, p. 21), entende-se que “o ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido”. Agora, com a leitura das palavras, o adulto dá sentido ao que lê e

ao que escreve, interpreta aquilo que já conhece e, ao fazê-lo, abre-se para o ato mágico de *criar*.

No método de Paulo Freire, o momento do *sonho*, o momento de *estudar* e o momento de *criar* são fases de uma viagem contínua. O momento de *criar*, de interpretar o mundo a partir do novo referencial, não extingue o *sonho* inicial de conhecer; pelo contrário, instiga-o, incita-o e dá novas dimensões, isso porque esse é um processo de construção permanente de uma *utopia do possível*.⁴ Em Paulo Freire (2005), a idéia de utopia está enraizada numa realidade exequível, ela passa a ser construída, aos poucos e sempre, numa ação que conscientiza o homem oprimido e o transforma em ator de sua própria história. O mundo do *sonho* e o da *descoberta*, em Paulo Freire, encerra a idéia de processo, algo em permanente movimento de transformação. Sendo assim, infere-se que a *utopia freireana* é a incessante dialética entre o sonho e a realidade. O conhecimento precisa de expressão e comunicação, não é um ato solitário, pois, além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico, tem a dimensão dialógica. Na metodologia freireana, o ato de conhecer é descobrir e construir e não copiar.

Somos atores da nossa própria história e nos constituímos em nossa caminhada, passamos de indivíduos a sujeitos, portanto, devemos compreender a nossa historicidade. E, assim, incorporar a dimensão de sujeitos/atores no processo de construção/reconstrução da aprendizagem.

Os *velhos espaços* institucionais podem ser habitados por atores que constroem uma escola articulada com a comunidade cuja crença em novas sementes que continuarão a germinar permanece constante. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros, numa relação dialógica de forma inquieta e curiosa, promove a sua inconclusão num permanente movimento na história. O desafio é de que a escola deve sair dos caminhos seguros, das respostas definitivas para os problemas da vida, pois todas as certezas são transitórias, ante o homem que é um ser inacabado, em contínua construção, num mundo dinâmico.

⁴ Para Paulo Freire, a idéia de utopia está enraizada numa ação sobre a realidade tornando as transformações pretendidas pelos oprimidos exequíveis, mas que só será possível a partir da práxis libertadora, e a partir da reflexão-ação.

Referências bibliográficas

- BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia latino-americana**: Freire e Dussel. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2001, p. 114.
- _____. **A importância do ato de ler**. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 40ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GADOTTI, Moacir, RAMÃO, José.(Org.) **Educação de jovens e adultos**: teoria e prática e proposta.3 ed. São Paulo: Cortez. 2001.
- Jornal A Folha de São Paulo. São Paulo: edição de 27.03.2001.
- LEPARGNEUR, Humbert. **Esperança e escatologia**. São Paulo: Paulinas, 1974.
- SOARES, Magda. Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1998.